



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 02/10/2015

GLOBAL	2
La fortaleza del dólar está afectando a la evolución mundial del comercio de carne de vacuno Según las estimaciones hechas por Rabobank.	2
BRASIL	2
Precios de la hacienda suben por oferta reducida – Alzas también a nivel mayorista	2
Cepea: Oferta para faena sigue baja	2
Exportaciones colaboran en la firmeza del mercado de hacienda.....	3
Entrezafra y exportación presionan sobre los precios del ganado vacuno.....	3
Rabobank proyecta precios firmes en el último trimestre de 2015. Scot Consultoria en 2016.....	3
Frigoríficos recuperaron márgenes luego de una reestructuración que incluyó cierre y despidos.....	4
Huelga de inspectores sanitarios complica operaciones	4
Justicia obliga emitir certificados sanitarios	4
Huelga se mantiene por tiempo indeterminado	5
Sindicalistas acuerdan flexibilizar medidas en lugares críticos	5
Intentan llegar a un acuerdo pero el paro se mantiene	5
Acrimat considera que pese a los cierre de plantas existe capacidad ociosa de faena en Mato Grosso ..	6
Devaluación del real provocó un alza en los precios de los productos agropecuarios en Brasil.....	6
Exportaciones de carnes bovinas acumulan ocho meses en baja.....	7
ABIEC en World Food Moscow: recibió la visita del Vice – Presidente de la Federación Rusa.....	8
URUGUAY	8
Sigue el ajuste de precios en el mercado del gordo Fuerte caída en la faena de vacunos.....	8
Argentina restringe posibles avances en el TLC del Mercosur con la Unión Europea	9
PARAGUAY	9
El Frigorífico Guarani fue suspendido para exportar a Rusia	9
Rusos inspeccionarán tres frigoríficos suspendidos	9
Taiwán duplica el cupo de carne a Paraguay.....	10
UNIÓN EUROPEA	10
BSE confirman un caso de Gales (REINO UNIDO)	10
ESTADOS UNIDOS	11
Caen los precios de la hacienda gorda	11
Prevén mejora en la oferta ganadera por crecimiento de las existencias en feed lots	11
Crece el volumen de carnes congeladas stockeadas	12
Australia y Nueva Zelanda están llegando al límite de la cuota.....	12
Recuperación de los precios se enfrenta a limitaciones de la demanda	12
AUSTRALIA	13
Australia con tasa de extracción insostenible.....	13
Indonesia importaría 200 mil cabezas de bovinos	13
Hong Kong: menores envíos australianos en 2015. Incidió el acceso a China	13
Mayor volumen exportado hacia el Sudeste de Asia (Indonesia, Malasia, Filipinas y Singapur)	14
NUEVA ZELANDIA	14
Devaluación del dólar neocelandés favoreció incremento en las exportaciones en 2014/15.....	14
Exportaciones neozelandesas hacia Estados Unidos cercanas a igualar su cuota	14
VARIOS	15
INDIA: caen exportaciones por menor demanda china.....	15
COREA DEL SUR Importaciones aumentan por restricciones de la oferta local	15
EMPRESARIAS	16
McDonald's to ofrecerá una hamburguesa “orgánica “ en Alemania	16
JBS anunció la adquisición de planta de Marfrig (Moy Park). Expansión hacia el mercado europeo	17
JBS – medidas ante la desvalorización del Real.....	17



GLOBAL

La fortaleza del dólar está afectando a la evolución mundial del comercio de carne de vacuno Según las estimaciones hechas por Rabobank.

Publicado el: 29 septiembre, 2015 Fuente: Eurocarne Rabobank ha emitido su informe trimestral sobre la evolución del comercio mundial de carne de vacuno. De acuerdo con sus previsiones, países como Nueva Zelanda y Australia han alcanzado, a finales del tercer trimestre del año, la práctica totalidad de la cuota que pueden exportar al mercado de EE.UU.

Al tiempo, la evolución que está registrando el dólar, con un fortalecimiento frente a las monedas de otros países como la UE y a la depreciación del yuan chino y el real brasileño, está provocando que el país norteamericano pierda fortaleza en la exportación de este tipo de carne y al tiempo pueda importar a precios más baratos. Al tiempo, la carne brasileña está incrementando sus destinos debido a su buen precio.

Angus Gidley-Baird, uno de los analistas de Rabobank, estima que el factor principal que está afectando al comercio internacional de carne de vacuno es la fortaleza del dólar estadounidense. En el caso de Australia y Nueva Zelanda, el hecho de que ya hayan casi completado las cuotas de exportación que tienen para todo el año con destino al mercado de EE.UU. motivará en el último trimestre del año una reducción de sus exportaciones cárnicas.

Destaca también que aún se desconoce cómo va a verse beneficiada Australia por el tratado de libre comercio con China ya que el parlamento australiano aún no ha acordado cómo ponerlo en marcha. Además Brasil está aún en proceso de obtener un protocolo que le permita exportar carne de vacuno hacia Estados Unidos. También sigue en proceso de negociación el tratado de libre comercio entre la UE y EE.UU. mientras que Rusia ha extendido durante un año más la prohibición de importar carne de vacuno de países de la UE, Canadá, Noruega y Australia.

BRASIL

Precios de la hacienda suben por oferta reducida – Alzas también a nivel mayorista

Sexta-feira, 2 de outubro de 2015 Mercado em recuperação, com alta para o boi gordo em quatorze praças pecuárias no fechamento de ontem.

Destaque para Goiás e Tocantins, onde houve reajuste em todas as regiões pesquisadas, em função da menor oferta de boiadas.

Os preços também subiram em São Paulo, com a arroba cotada em R\$145,00, à vista, na região de Araçatuba.

Mesmo com a crescente oferta de animais confinados, a disponibilidade geral de bovinos não possibilita que as escalas avancem em grande volume e a concorrência entre as indústrias impulsiona a cotação dos animais terminados.

No mercado atacadista de carne bovina com osso as vendas estão em ritmo lento, mas os estoques estão enxutos e conferem firmeza ao mercado. O boi casado de bovinos castrados está cotado em R\$9,60/kg.

Reação das cotações no varejo de carne bovina

Sexta-feira, 2 de outubro de 2015 - 05h57

As vendas estão regulares na ponta final da cadeia, mas mesmo assim o varejo encontrou espaço esta semana para incrementar os preços.

Nos açougues e supermercados paulistas a carne bovina subiu 3,2% em sete dias.

O início do mês gera a expectativa de que o consumo aumente, o que motiva os varejistas a firmarem os preços.

Mesmo assim, não é esperada grande movimentação, o que mostra que os estoques curtos vêm balizando os preços e dando condições de manter as cotações e de valorizar os cortes com melhor saída.

Cepea: Oferta para faena sigue baja

Fonte: Cepea, adaptada pela Equipe BeefPoint. 02/10/15 A oferta de animais para abate esteve ainda menor no encerramento de setembro. Porém, como grandes frigoríficos têm preenchido parte de suas escalas com animais comprados antecipadamente, via contrato, a pressão de demanda também se torna moderada, de acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP).

No acumulado do mês, o Indicador do boi gordo ESALQ/BM&FBovespa teve alta de 1,4%, fechando em R\$ 144,65 nessa quarta-feira, 30. Quanto à reposição, pecuaristas de recria e de engorda ainda consideram altos os preços dos animais comparativamente aos do boi gordo. Além disso, as condições



dos pastos ainda são ruins em muitas regiões, o que reforça a decisão dos compradores de adiar a formação de novos lotes.

Exportaciones colaboran en la firmeza del mercado de hacienda

Quarta-feira, 30 de setembro de 2015 - A pressão de compra por parte da indústria está menor por conta da melhora das escalas, o que gerou algumas reduções nos preços de referência.

Ainda assim a oferta reduzida de animais terminados não tem permitido pressão de baixa sobre a arroba do boi gordo, apenas quedas pontuais.

As indústrias sentem dificuldade em adquirir bons lotes de animais, o que tem segurado os preços firmes em boa parte das regiões.

No mercado da carne bovina, o consumo interno está lento.

No entanto, as vendas externas melhoraram este mês. Até a terceira semana de setembro, o volume médio embarcado diariamente aumentou 9,4% em relação a agosto e 13,1% em relação a setembro de 2014.

Embora as vendas externas representem cerca de um quinto da produção, elas são importantes para ajudar no escoamento, principalmente em momento de consumo doméstico fraco.

A expectativa é de que este fator ajude na firmeza dos preços em curto prazo, no mercado da carne assim como nos preços da arroba do bovino terminado.

Entrezafra y exportación presionan sobre los precios del ganado vacuno

02/10/15 - por Equipe BeefPoint O presidente da Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat), José João Bernardes, aposta que a entressafra pode registrar novos recordes de preço para a arroba. Para a entidade, a menor disponibilidade de bois é consequência do excessivo abate de fêmeas nos últimos anos. Com menos matrizes à disposição, pecuaristas têm dificuldade para atender à demanda atual na reposição.

Segundo ele, o ciclo pecuário deve avançar mais lentamente do que o previsto. “O cenário não deve se reverter antes de 2018, talvez 2019. E, se houver aumento significativo nas exportações e maior demanda, o ciclo vai se prolongar ainda mais”. Bernardes indica que o abate de fêmeas segue em nível acima do ideal e não deve permitir uma nova “superoferta de bezerras”. Além disso, a escassez de animais para o abate sinaliza que o estoque total de bovinos pode ser menor do que o declarado.

Outro elemento que pode afetar o ciclo pecuário no longo prazo é a expansão da fronteira agrícola. A Acrimat estima que a pecuária em Mato Grosso tem cedido, em média, 500 mil hectares de pastagens por ano a outros cultivos, sendo que em alguns casos a mudança é resultado da integração lavoura-pecuária. Ainda assim, o avanço da produtividade no campo pode não ser suficiente para garantir expansão da oferta.

Rabobank proyecta precios firmes en el último trimestre de 2015. Scot Consultoria en 2016

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 29/09/15

Os preços do boi gordo devem se manter “firmes” no Brasil no quarto trimestre, mas não há espaço para grandes elevações, avalia o Rabobank. As exportações brasileiras de carne bovina, que amargam forte queda no acumulado de 2015, tendem a registrar alguma recuperação ao longo do quarto trimestre. Por outro lado, o Rabobank previu um leve aumento na oferta de gado bovino.

De acordo com o analista do Rabobank, Adolfo Fontes, o preço do boi gordo não deve registrar forte alta no restante do ano, não devendo ultrapassar os R\$ 150 por arroba. Em agosto, o preço médio do boi gordo no Brasil oscilou em torno de R\$ 141 por arroba, o que já é 6% acima da média de agosto de 2014, em termos reais.

Para o Rabobank, a desvalorização do real ante o dólar deve beneficiar as exportações brasileiras de carne bovina no quarto trimestre.

Fonte: Portal DBO 29 de setembro de 2015 - Analistas reunidos em evento em Ribeirão Preto mantêm o otimismo para o mercado pecuário de gado de corte

Os preços do boi gordo devem continuar em patamares elevados nos últimos meses de 2015 e também ao longo de 2016, prevê o médico veterinário Hyberville Neto, analista da Scot Consultoria, que abriu o ciclo de palestras do evento pecuário Encontro dos Encontros, realizado em Ribeirão Preto, SP, de 29 de setembro a 1º de outubro, pela Scot Consultoria, de Bebedouro.

“No ano que vem, a arroba pode até cair um pouco em relação aos valores de 2015, mas o quadro de preços continuará bastante favorável ao pecuarista”, avalia. Apesar da situação econômica caótica do País, diz Neto, a menor oferta de boiadas continuará ditando as regras no mercado do boi neste e no próximo ano.



“O quadro de escassez de animais tem sido o principal responsável pela valorização no preço do boi, que subiu 20% de janeiro a agosto de 2015, em relação ao mesmo período do ano passado”, afirma. Considerando os valores deflacionados pelo IGP-DI (Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna), a arroba subiu 14% no período de oito meses”, informa Neto.

Retenção de fêmeas - Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostram que os pecuaristas começam a segurar mais as fêmeas nas fazendas, com o intuito de aproveitar o ótimo momento vivido pela atividade de cria, beneficiada pela disparada do valor do bezerro. No primeiro trimestre de 2015, o percentual de participação de fêmeas nos abates gerais de bovinos computados pelo IBGE foi de 44%, ante a taxa de 47% registrada nos primeiros três meses de 2014.

No entanto, na avaliação do analista da Scot, o movimento de retenção de matrizes só influenciará positivamente a oferta de animais desmamados a partir de 2017. “Para 2016, ainda devemos sentir os efeitos do descarte maior de vacas dos últimos anos (desde 2011)”, avalia Neto. Com isso, ressalta ele, a tendência no curto (em 2015) e médio (2016) prazos é de preços ainda altos tanto para o boi gordo quanto para os animais de reposição.

Consumo retraído – Na avaliação de Neto, o valor do boi gordo poderia estar em patamares ainda mais elevados que os atuais se não fosse a atual conjuntura de consumo fraco para a carne bovina, motivada justamente pelo aumento de preço do produto no varejo e pela crise na economia (elevação da taxa de desemprego, da inflação e queda do PIB – Produto Interno Bruto). Essa situação, continua o analista, faz o consumidor brasileiro buscar proteínas alternativas, como o frango, que, segundo palavras do engenheiro agrônomo Alcides Torres, o “Scot”, diretor-fundador da Scot Consultoria, tem sido novamente “a âncora verde da economia” (assim chamado nos primórdios do Plano Real, quando o produto foi um dos responsáveis pelo combate à inflação).

Relação de troca - Segundo dados citados por Hyberville Neto na palestra, em agosto deste ano o preço do quilo de carne bovina de dianteiro no atacado de São Paulo equivalia a 2,32 kg de frango. “No mesmo período de 2014, essa relação de troca era de 1,98 kg de frango por quilo de dianteiro”, compara. Porém, a relação de troca continua favorável ao pecuarista no que diz respeito à maioria dos insumos. “A situação só está difícil no segmento de reposição”, afirma Neto, citando o forte aumento nos preços de animais mais jovens, sobretudo do bezerro, cujo valor subiu bem acima da arroba do boi gordo no último ano.

Recorde de público: A programação do Encontro dos Encontros é dividida em três blocos, que abordam os seguintes setores: “Adução de Pastagens” (dias 29 e 30 de setembro); Criadores (30 de setembro a 1º de outubro); e “Pecuária Leiteira” (1º de outubro). Ao todo, os três eventos receberam número recorde de inscritos: 1,1 mil participantes.

Frigoríficos recuperaram margens luego de una reestructuración que incluyó cierre y despidos

Fonte: ESTADÃO CONTEÚDO 29 de setembro de 2015 - A indústria frigorífica conseguiu recuperar as margens de comercialização para entre 20% e 25%, após um forte ajuste no setor, com o fechamento de plantas industriais ociosas e redução do quadro de funcionários. O corte chegou a 12,5 mil trabalhadores nos 12 meses encerrados em agosto, segundo dados da Scot Consultoria levantados junto ao Ministério do Trabalho.

Cálculos da Scot apontam que esse corte representa uma redução de 2,75 milhões de cabeças abatidas em um ano, volume considerado dentro do normal. No primeiro semestre deste ano a queda foi de 1,5 milhão de cabeças abatidas ante igual período de 2014 - de 16,9 milhões para 15,4 milhões de cabeças.

A queda da margem dos frigoríficos começou a se tornar evidente em meados do ano passado, com a disparada no preço da arroba paga ao produtor e a dificuldade de repassar esse aumento para os mercados interno e externo com a demanda retraída. Com isso, a margem média das companhias desde 2012, de 22,2%, caiu a 10,2% em junho e o ajuste foi intensificado nos últimos três meses.

“Esse ajuste foi necessário e saudável para o negócio”, avaliou Alcides Torres, da Scot Consultoria. “Hoje temos um raro momento em que todos os elos da cadeia estão ganhando”, concluiu Torres, durante evento da consultoria em Ribeirão Preto (SP).

Huelga de inspectores sanitarios complica operaciones

Justicia obliga emitir certificados sanitarios

Mesmo em greve, fiscais federais terão que emitir documentação para liberar cargas para exportação

Fonte: Portal DBO28 de setembro de 2015 - 17:24

O juiz federal substituto da 4ª Vara Federal, Frederico Botelho de Barros Viana, do Distrito Federal, acatou o pedido de liminar em Mandado de Segurança feito pela Abrafrigo (Associação Brasileira de Frigoríficos) contra a greve dos fiscais federais agropecuários na última quarta-feira, 23. Ele determinou que os fiscais devem executar as atividades de inspeção e fiscalização, liberando a documentação referente a tais



mercadorias em caso de regularidade e dar continuidade ao serviço de emissão/assinatura de Certificados Sanitários Internacionais (CSI).

Conforme a Abrafrigo, o magistrado afirmou ainda que o direito de greve dos servidores públicos, embora seja uma garantia constitucional, não é ilimitado, sendo certo que compete à administração pública “manter pessoal para assegurar o desenvolvimento da atividade fiscal, evitando assim sua paralisação total”. Além disso, “o desembaraço aduaneiro e as atividades de fiscalização sanitária são serviços essenciais, que não podem ser paralisados por motivo de greve de servidores”.

Procurados pela reportagem, representantes da Anffa (Sindicato Nacional dos Fiscais Federais Agropecuários) não foram encontrados para comentar a decisão.

Huelga se mantiene por tiempo indeterminado

Fonte: Rádio Independente, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 29/09/15

A classe de Fiscais Agropecuários Federais mantém a greve por tempo indeterminado. A delegada Sindical do Sindicato Nacional dos Fiscais Federais Agropecuários (Anffa Sindical), Consuelo Paixão Cortes, disse em entrevista à Rádio Independente, em Lajeado/RS, que todos os serviços essenciais estão sendo mantidos, inclusive inspeção ante e pós morte.

Ela relata que a categoria luta por uma reestruturação na carreira. Na pauta de reivindicações estão a mudança na nomenclatura de Fiscal, para Auditor-Fiscal, ocupação de cargos de gestão por critérios meritocráticos, aumento de contingente humano, adicional de fronteira e recomposição salarial.

Segundo o fiscal, Márcio Todero a falta de pessoal resultou em um termo e colaboração técnica entre o superintendente e as prefeituras municipais para suprir a demanda. Ele informa que o Ministério da Agricultura já sinalizou concordância. Resta o parecer do Ministério do Planejamento.

Sindicalistas acuerdan flexibilizar medidas en lugares críticos

Fonte: ESTADÃO CONTEÚDO30 de setembro de 2015 - Sindicalistas concordam em flexibilizar a paralisação em locais com problemas críticos, mas o Mapa ainda não formalizou o acordo

A greve dos fiscais federais agropecuários, que começou no dia 17 de setembro, prossegue em todo o País e amplia os prejuízos de exportadores brasileiros, em especial os de milho, que embarcam produto nesta época do ano, e algodão. Segundo o presidente da Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec), Sérgio Mendes, um grande exportador de algodão recorreu à associação após ter dificuldades para emitir o certificado fitossanitário de um carregamento já em trânsito. "Estamos enfrentando problemas homéricos, especialmente os exportadores de milho e de algodão", disse Mendes. Ele voltou a enfatizar que se a paralisação continuar, a imagem do Brasil de exportador confiável dessas commodities pode ficar comprometida.

Mendes contou que na semana passada se reuniu com o secretário de Relações de Trabalho do Ministério do Planejamento, Sérgio Eduardo Arbulu Mendonça, para tratar da greve dos fiscais. Na ocasião, o presidente da Anec destacou a relevância das exportações brasileiras de commodities e da urgência em solucionar a questão. Segundo Mendes, o secretário disse que entraria em contato com o comando da greve para dialogar sobre o assunto.

Por meio de sua assessoria de imprensa, o Sindicato Nacional dos Fiscais Federais Agropecuários (Anffa Sindical) informou que até o momento não houve avanço nas negociações com o Ministério do Planejamento para o fim da paralisação. As duas pautas pendentes com a pasta são a recomposição salarial da categoria e a mudança da nomenclatura dos profissionais para auditor fiscal agropecuário.

Na última quinta-feira, 24, o presidente do sindicato, Maurício Porto, disse à reportagem que o Ministério da Agricultura havia concordado em atender às reivindicações da entidade referentes à pasta. A pauta diz respeito à reposição do quadro de fiscais, regulamentação do processo de meritocracia para ocupação de cargos no Ministério, regulamentação da lei que institui pagamento adicional aos servidores que atuam nas fronteiras do País e realização de concurso para transferência interna. O Anffa Sindical concordou em flexibilizar a paralisação em locais com problemas críticos. Segundo a assessoria de imprensa do sindicato, porém, o Ministério da Agricultura ainda não formalizou o acordo.

Intentan llegar a un acuerdo pero el paro se mantiene

02/10/15 - por Equipe BeefPoint A ministra da Agricultura, Kátia Abreu, enviou no fim da tarde de quinta-feira (1) um ofício (leia aqui na íntegra) ao Sindicato Nacional dos Fiscais Federais Agropecuários (Anffa Sindical) com a intenção de demonstrar apoio aos pleitos da categoria e pôr fim à greve. No entanto, o comando de greve entendeu que a ministra não acatou formalmente nenhuma de suas reivindicações e, portanto, os fiscais permanecerão com a greve, que completou 15 dias nesta quinta-feira.

Marcos Lessa, vice-presidente do Anffa Sindical, disse que apesar de o Ministério do Planejamento ter garantido que irá atender a pontos de reivindicação dos fiscais, como a mudança da carreira de fiscal para auditor agropecuário e o reajuste salarial da categoria, a Pasta da Agricultura ainda não assegurou de



maneira clara que acatará outros pleitos: regulamentação de um adicional para atuação em fronteiras, a ocupação dos cargos de gestão do ministério por critérios de meritocracia e a contratação de fiscais aprovados no último concurso público mas que ainda não foram nomeados.

Diante da falta de acordo até agora, a Frente Parlamentar da Agropecuária informa que se retirou oficialmente hoje das negociações em prol das exigências dos fiscais e do consequente fim das paralisações. Deputados e senadores da bancada ruralista é que estavam responsáveis até agora por intermediar as negociações entre fiscais e governo.

Acrimat considera que pese a los cierre de plantas existe capacidad ociosa de faena en Mato Grosso

Fonte: RdNews, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 28/09/15 O cenário do setor frigorífico do Mato Grosso tem sido alvo de muitas discussões, com fechamento de sete frigoríficos nos últimos 18 meses, o que gerou cerca de quatro mil demissões. Ao todo, Mato Grosso possui 22 plantas operando e 18 fechadas. Mesmo com o cenário não favorável, o presidente da Acrimat, José João Bernardes, explica que a pecuária está seguindo o seu ciclo e garante que o cenário já era previsto.

Ele disse que mesmo com o fechamento dos frigoríficos, o Estado ainda tem uma capacidade ociosa de abate superior a 25%. “O nosso rebanho não sofreu grandes alterações, continuamos com o maior do Brasil, e diminuímos pouco o abate, mas isso por si só não justificaria o fechamento de tantas plantas”.

Para Bernardes, o que pode ter ocorrido foi uma má previsão por aqueles que se instalaram no Estado ou eles imaginaram que o rebanho iria crescer muito além do que cresceu. “Mas de qualquer maneira houve uma falha de planejamento pelas empresas que aqui se instalaram”.

Devaluación del real provocó un alza en los precios de los productos agropecuarios en Brasil

Cepea, 25 – A escalada do dólar em relação ao Real tem dado grande suporte aos preços domésticos de produtos agropecuários tradicionalmente exportados. De acordo com levantamentos do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP, soja, milho, açúcar, algodão, carne suína e de frango são alguns dos que têm se valorizado no mercado interno em função do aquecimento das vendas para o exterior.

O trigo também é puxado pelo dólar. Neste caso, o Brasil importa cerca de metade do que consome, e as compras externas a valores maiores têm proporcionado reajustes dos preços ao produtor brasileiro mesmo neste período em que está começando a colheita de uma safra que pode ser recorde.

Mas, o câmbio eleva também os custos de produção. Insumos importados têm disparado. Nos últimos dias, conforme o Cepea, importadores (distribuidores) de fertilizantes chegam a relatar que estão sem parâmetros de preços para o mercado nacional, tamanha a variação do câmbio.

Com base nos levantamentos mensais de insumos, a equipe Cepea informa que, em agosto, o gasto médio com fertilizantes e defensivos (impactados pelo dólar) da soja, por exemplo, em Mato Grosso, esteve entre 27% (Sorriso e Campos Novos do Parecis) e 41% (Primavera do Leste) superior ao de agosto do ano passado. No Paraná, o encarecimento médio de adubos e defensivos foi de 22% em Londrina, de 32% em Cascavel e de 41% em Castro. O impacto da desvalorização mais recente do Real deve começar a ser sentido nas compras, principalmente de defensivos, que ainda precisam ser feitas para a temporada de verão.

Nos grandes grupos do agronegócio, especialmente do segmento industrial, a situação é mais crítica para empresas que captaram dinheiro no exterior e não se protegeram contra as oscilações cambiais. Não são raros no setor os casos de forte abalo financeiro justamente por conta da exposição ao risco da moeda.

Confira o impacto recente do câmbio sobre alguns produtos exportados:

SOJA – Na parcial do ano foram exportadas 48,3 milhões de toneladas de soja, 5,8% a mais que em todo o ano de 2014, de acordo com dados da Secex. Em termos reais, os preços do grão são os maiores desde dezembro de 2013. Só neste mês (até o dia 24), o preço médio da soja no Paraná (Indicador CEPEA/ESALQ) aumentou 9%, com a saca de 60 kg a R\$ 79,57 nessa quinta-feira. Os derivados acompanham as altas do grão. O farelo de soja sobe 11% e o óleo de soja, 8,4% ao longo deste mês.

MILHO – Mesmo com colheita recorde no Brasil, os preços acumulam elevação expressiva desde agosto. Segundo pesquisadores do Cepea, vendedores anteciparam o fechamento de contratos a termo principalmente para exportação, tanto da safra atual quanto da seguinte, motivados pela forte valorização do dólar. Os contratos, em Reais, estão em níveis superiores ao mercado físico atual. Referente à região de Campinas (SP), o Indicador ESALQ/BM&FBovespa subiu 15,8% em setembro, a R\$ 32,62/saca de 60 kg no dia 24.

TRIGO – A dependência de importação ainda é grande e, atualmente, ocorre a custos elevados. Além disso, chuvas intensas e geadas no Rio Grande do Sul podem prejudicar a produtividade e qualidade do cereal que está no campo, o que também tende a elevar as cotações internas do trigo de boa qualidade. Na média de setembro, os valores pagos ao produtor do Paraná estão 12,5% superiores aos de setembro/14 e, no Rio Grande do Sul, 10% maiores. No mercado de lotes, na mesma comparação, a alta



chega a 29% no Rio Grande do Sul, a 23% em São Paulo e a 28,8% no Paraná – as valorizações do dólar motivam reações mais rápidas no mercado de lotes, comparativamente ao de balcão.

AÇÚCAR – A vantagem para a exportação foi de 11,84% na última semana, conforme cálculos do Cepea. De 14 a 18 de setembro, as vendas externas equivaleriam a R\$ 57,21/saca de 50 kg, enquanto o Indicador de Açúcar Cristal CEPEA/ESALQ (mercado paulista) teve média de R\$ 51,15/sc. Nessa quinta-feira, o Indicador CEPEA/ESALQ fechou a R\$ 52,91/sc, aumento de expressivos 12,3% na parcial de setembro mesmo com a colheita em bom ritmo na região Centro-Sul.

ALGODÃO – A colheita brasileira do algodão está terminando. Apesar da retração da demanda, os preços da pluma seguem firmes no mercado interno, em linha com a paridade de exportação. Atentos ao fraco ritmo da atividade industrial brasileira, compradores adquirem novos lotes apenas quando têm necessidade de entrega rápida – seja para uso na linha de produção (indústria) seja para o cumprimento de contratos de matéria-prima (comerciantes). Em setembro, o Indicador CEPEA/ESALQ com pagamento 8 dias, referente à pluma 41-4, posta em São Paulo, sobe 4%, fechando a R\$ 2,3456/lp no dia 24.

CARNES – A reação da demanda interna por carne suína aliada às exportações crescentes tem elevado os preços do vivo e da carne. A média diária de exportação de carne suína in natura nas três primeiras semanas do mês foi de 2,6 mil toneladas, 28,6% maior que a de agosto e 58% superior à de setembro/14. Caso o ritmo atual se mantenha, serão embarcadas aproximadamente 54,2 mil toneladas da carne em setembro, o segundo maior volume registrado em 2015. No mercado atacadista da Grande São Paulo, as carcaças especial e comum se valorizam 28% e 29,5% no acumulado de setembro, negociadas no dia 24 a R\$ 7,07/kg e a R\$ 6,81/kg, respectivamente.

No mercado de frango, o movimento de alta dos preços se intensificou em meados de setembro e a elevação no mês já está próxima dos 20% tanto para o frango inteiro congelado quanto resfriado no atacado da Grande São Paulo. Nesta quinta, o frango inteiro congelado teve média de R\$ 4,15/kg e o resfriado de R\$ 4,25/kg. Além do bom desempenho das exportações, a demanda interna pela carne de frango vem sendo favorecida pelos elevados valores da bovina e pelas recentes valorizações da suína.

A carne bovina, apesar de também ter se tornado mais competitiva no mercado internacional, não tem apresentado aumentos de volume exportado. Segundo pesquisadores do Cepea, isso ocorre porque a carne bovina brasileira é tradicionalmente adquirida por países emergentes que também estão tendo desvalorizações de suas moedas. Nesses casos, a opção seria por carnes mais baratas, como de frango e suína.

Exportaciones de carnes bovinas acumulan ocho meses en baja

Fonte: Canal Rural 25/09/2015 -A valorização de quase 49% do dólar em 2015 tem sido bastante benéfica para os produtores agropecuários do Brasil, por baratear os nossos produtos no mercado internacional, puxando as exportações. No entanto, os ganhos de algumas culturas estão sendo prejudicados pelas quedas nas cotações internacionais.

Carne

O volume e a receita das exportações de carne bovina brasileira apresentaram quedas pelo oitavo mês consecutivo. Atualmente, o preço do boi gordo brasileiro é o mais baixo do mundo. A desvalorização do real chegou a 29,8% nos últimos três meses e tornou a carne bovina ainda mais competitiva. É essa dinâmica de mercado que impactou principalmente a receita das exportações em 2015.

– Você tende a deslocar os concorrentes, ou seja, você ganha mercado dos concorrentes, mas não está ganhando mercado porque o mercado está crescendo, o mercado mundial de carne bovina não está crescendo. O que acontece é que você está avançando na parcela dos concorrentes, pra você avançar você tem que vender mais barato, então, consequentemente, o preço da carne cai – explica o diretor técnico da Informa Economics FNP, José Vicente Ferraz.

Outro aspecto determinante para as quedas foi a drástica baixa nos preços do petróleo em 2015. Importadores como a Rússia e a Venezuela perderam poder de compra com a fase baixista da commodity mineral.

– O petróleo caiu de preço fortemente e isso afetou diretamente a entrada de recursos nesses países. Segundo, as moedas desvalorizaram muito e isso significa que a importação fica mais cara. É o mesmo que está acontecendo no Brasil, a moeda desvaloriza, a importação encarece. Então, essas duas coisas combinadas, junto com uma pauta de exportações complicada, no sentido de ser basicamente países pobres, dificultou a sustentação desses volumes – diz o analista da MB Agro, César Castro Alves.

A expectativa é que o último trimestre de 2015 seja de altas em relação aos meses anteriores. Nas duas primeiras semanas de setembro, as exportações de carne bovina brasileira apresentaram movimentos intensos, cenário que retomou o fôlego otimista do mercado.

– Nós vamos ter quatro meses finais bastante bons, mas eu não acredito que seja possível recuperar o todo dos oito meses que foi inferior a 2014 – ano muito bom de exportações de carne bovina. Mas vai ser ainda um ano bastante bom. Abre a perspectiva de em 2016 nós termos um ano bastante bom de exportações em carne bovina, porque com esse efeito do câmbio, o Brasil já é muito competitivo porque



consegue produzir com custo baixo, mas com este câmbio a perspectiva é que o Brasil ganhe bastante mercado – projeta Ferraz.

Para Castro Alves, a pecuária está equilibrada e o boi é um ativo hoje, um dos poucos que não tem preços menores do que no ano passado.

– É um cenário muito equilibrado, não dá pra dizer que esse resultado é ruim, mesmo porque nós estamos num momento ainda de baixa oferta do ciclo pecuário, porque os pecuaristas estão retendo gado e se isso tivesse acontecendo em um momento em que as exportações não estivessem muito fortes, certamente o consumidor brasileiro ia estar pagando essa diferença – diz o analista.

ABIEC en World Food Moscow: recibió la visita del Vice – Presidente de la Federación Rusa

Na World Food Moscow, a ABIEC e dez empresas associadas estiveram presentes com a finalidade de estreitar relacionamento com fornecedores e divulgar a qualidade da carne brasileira

O estande do BrazilianBeef na World Food Moscow recebeu a visita do vice-presidente da República, Michel Temer, em sua última edição, realizada na semana passada. O projeto é uma parceria da ABIEC (Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne) e Apex-Brasil (Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos), com objetivo de ampliar as exportações da carne bovina brasileira. O vice-presidente esteve na Rússia chefiando uma Missão Empresarial para ampliar negociações e relação comercial entre os países. Os executivos da ABIEC também participaram da missão.

Na World Food Moscow, a ABIEC e dez empresas associadas (Agra, Barra Mansa, Cooperfrigo, Frigol, Frigoestrela, Frisa, JBS, Mafripar, Marfrig e Minerva) estiveram presentes com a finalidade de estreitar relacionamento com fornecedores e divulgar a qualidade da carne brasileira para os visitantes da feira. O evento russo reuniu mais de 1.600 expositores de 70 países e um público de 30.000 visitantes vindos de aproximadamente 100 países.

URUGUAY

Signe el ajuste de precios en el mercado del gordo Fuerte caída en la faena de vacunos

Octubre 2, 2015 Por Blasina y Asociados, especial para El Observador La tendencia bajista persiste en el mercado del gordo, que además se caracteriza por una fuerte disparidad en precios y entradas a planta. Si bien algunos operadores manifestaron que aparece más ganado de verdes, la oferta sigue siendo reducida. Sumado a la menor actividad desde la industria, con la interrupción de la operativa de siete plantas, el descenso en la faena fue importante y rondó los 4.500 vacunos.

Algunas plantas continúan sin pasar precios. Las que lo hacen, pasan en el entorno de US\$ 3,25- US\$ 3,30/kg a la carne para novillos pesados. En negocios puntuales se pueden conseguir algunos centavos más. Las cargas varían mucho. Algunas se pactan para el correr de la semana, en tanto otras se pueden estirar a 10-15 días. La vaca cotiza entre US\$ 3 y US\$ 3,15.

Las referencias de la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) siguen bajando en vacunos, pero se mantienen firmes en ovinos ya que están muy demandados. ACG disminuyó cinco centavos su referencia para el novillo gordo hasta US\$ 3,33/kg y a la vaca tres hasta US\$ 3,07. Comparado al mismo momento de 2014, los valores son 34 y 30 centavos inferiores. En tanto, el cordero sigue firme ganando centavos. Aumentó uno y alcanzó en la planilla de ACG los US\$ 3,91. En el resto de las categorías los promedios se mantuvieron incambiados.

Los consignatarios comentaron que en el mercado de reposición se complica la concreción de negocios por la dificultad existente de hacer coincidir los precios pretendidos por las distintas partes. En el remate de Plaza Rural del miércoles se vendieron 2.926 terneros y promediaron en US\$ 2,16, 13 centavos menos que en el remate de setiembre, pero cuatro más que en el realizado un año atrás. La cotización mínima fue US\$ 1,93 y la máxima US\$ 2,50. Este viernes es el turno de Pantalla Uruguay con su remate número 159.

Hubo una fuerte caída en el nivel de faena. En la semana que terminó el 26 de setiembre se faenaron 32.664 vacunos, 12% menos que la semana anterior y 0,6% menos en la comparación interanual. La participación de los novillos fue 51,6% y con 16.860 animales marcó un descenso semanal de 1.020 cabezas. La caída en la faena de vacas fue importante. Su participación fue de 46,3%, totalizaron 15.118 cabezas, 3.244 menos que la semana pasada. Es la menor faena de vacas desde la semana que finalizó el 4 de abril.

En la exportación los precios siguen estando en niveles interesantes, aunque en la carne vacuna el valor semanal evoluciona con cierta volatilidad y en la semana culminada el 26 de setiembre tuvo un descenso notorio. El valor de exportación de la carne bovina fue US\$ 3.330/ton, cuando la semana anterior había alcanzado los US\$ 4.178. Por ello, el ingreso medio de las últimas cuatro semanas cayó a US\$ 3.708.



Todo hace suponer que seguirá un ajuste gradual de precios. La llegada de las cuadrillas Kosher en este mes puede ser un factor de estabilización ya que la oferta puede demorar hasta la segunda quincena del mes que viene en restablecerse.

Argentina restringe posibles avances en el TLC del Mercosur con la Unión Europea

28 de setiembre de 2015 El canciller Rodolfo Nin Novoa reiteró en el Parlamento que Argentina sigue siendo la menos proactiva en acelear un Tratado de Libre Comercio (TLC) con la Unión Europea. El titular de Relaciones Exteriores estuvo la semana pasada en la Comisión de Hacienda Diputados. En la reunión los funcionarios expusieron los principales lineamientos de la Cancillería para los próximos años y hubo un destaque sobre el estado de negociaciones de un TLC con la Unión Europea.

Según publicó El Espectador, el canciller afirmó que la propuesta de Uruguay para la negociación del TLC fue "muy interesante". Sin embargo, agregó, Argentina está en un proceso de "reindustrialización" y hay dificultad ante estos temas de liberalización del comercio. Nin explicó que el típico acuerdo de libre comercio prevé una desgravación progresiva de ciertos bienes, en una escala de dos, cuatro, ocho y 15 años. Pero lo que Argentina sugiere es una "modalidad de canasta de bienes a 15 años, con un período de carencia de siete. Esto lo que hace es que recién ese momento empieza a desgravarse el 25% de los productos de la canasta".

En síntesis, "Uruguay hace una oferta interesante, Argentina no tanto y Brasil quiere negociar. En definitiva, hay tres países que quieren seguir adelante para hacer una presentación de ofertas en setiembre u octubre para ese tratado de libre comercio".

PARAGUAY

El Frigorífico Guaraní fue suspendido para exportar a Rusia

Publicado el: 29 septiembre, 2015 Fuente: UH El Servicio Sanitario Ruso oficializó la suspensión temporal del Frigorífico Guaraní para exportar carne a ese país. Hasta ahora suman seis las industrias cárnicas canceladas para comerciar la proteína roja a Rusia.

Están suspendidos temporalmente una planta del Frigorífico Neuland, Agrofrío SA, Frigorífico Concepción (dos plantas), Frigorífico San Antonio (Frisa) y recientemente Frigorífico Guaraní.

Los motivos de esta medida obedecen a cuestiones sanitarias, referentes a la presencia de microorganismos en la carne fuera de lo permitido en Rusia. Particularmente, el Frigorífico Guaraní fue suspendido por las autoridades sanitarias de Rusia porque detectaron la presencia de la bacteria Escherichia Coli (que causa intoxicación alimentaria) en un cargamento de 24,6 toneladas de carne paraguaya. "Las pruebas realizadas han mostrado que el producto no cumple las normas de seguridad debido a la presencia de la bacteria E-Coli", refiere la información, según reportes de la prensa rusa.

En total unas 18 plantas frigoríficas locales están operativas para el envío de carne a Rusia, pero con la suspensión de estas seis son 12 las que pueden exportar carne vacuna en este momento.

Recordamos que Rusia es el principal destino de la carne paraguaya. Solo de enero a agosto, Paraguay envió carne vacuna por valor de más de USD 200 millones.

Rusos llegan hoy. Hugo Idoyaga, presidente del Servicio Nacional de Calidad y Sanidad Animal (Senacsa), comentó que hoy llega una delegación de técnicos rusos para verificar plantas frigoríficas de carne vacuna, con lo cual esperan que algunas suspensiones se levanten en la brevedad.

Idoyaga agregó que en la primera semana de octubre autoridades del ente sanitario de Paraguay irán en misión a Rusia, con el fin de interiorizarse acerca de los requerimientos sanitarios y tecnología necesaria para paliar estos inconvenientes que ocasionan las suspensiones de plantas frigoríficas.

Por otra parte, Marcos Medina, viceministro de Ganadería, indicó que la diversificación de los mercados para la distribución de productos cárnicos locales es la clave para que el crecimiento de las industrias cárnicas sea sostenible y pueda crecer como las grandes potencias exportadoras de carne. "Los países árabes y del Norte de África son los que más van a aumentar el consumo de carne. Hasta en la zona tenemos muy poca presencia, pero son mercados que hay que trabajar para abrir", dijo Medina.

Añadió que hasta el momento Paraguay provee hasta el 40% de lo que importa de carne vacuna el mercado de Israel, por lo que ya se puede ver lo importante que sería cambiar el enfoque y apuntar a exportar volúmenes a la zona.

"Rusia es el mercado de exportación de la proteína roja hace 10 años que mantenemos relaciones con ellos, pero debemos tener en cuenta que estar supeditado a un mercado tiene riesgos, como los que se está viendo en este momento, con la caída de la moneda en dicha zona, las exportaciones paraguayas cayeron hasta 16%", explico.

Rusos inspeccionarán tres frigoríficos suspendidos

30 de Setiembre de 2015 Una misión técnica del Servicio Federal Veterinario y Fitosanitario de Rusia (Rosselkhoz nadzor) llegó ayer al país para inspeccionar tres de los cinco frigoríficos que ese país



suspendió temporalmente para el envío de carne a su mercado, señaló el director de Calidad e Inocuidad del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), Dr. Arnaldo Bavera.

Agregó que el frigorífico Guaraní se unió el pasado viernes a la lista de industrias inhabilitadas temporalmente para exportar productos y subproductos bovinos a ese país.

Los otros cuatro frigoríficos que están suspendidos por Rusia desde agosto último son: Neuland, de Mariano Roque Alonso; Concepción, del primer departamento; San Antonio (Frisa SA) y el establecimiento Concepción de Asunción.

Según Bavera, la misión técnica rusa inspeccionará dos plantas de Frigorífico Concepción, la de Concepción y la de Asunción; igualmente verificará el establecimiento San Antonio (Frisa). La agenda de los auditores del país euroasiático concluirá mañana e incluye también una planta de hamburguesas del frigorífico Guaraní, con miras a habilitarlo para exportar a dicho mercado.

Es importante recordar que existe otro frigorífico que está en la mira de Rusia, frigorífico Prime, que tiene "código amarillo", es decir que levantan muestras para análisis laboratoriales de cada partida de carne.

Recordemos que son 10 las plantas frigoríficas que pueden operar para exportar carne bovina a Rusia, cinco están suspendidas y una con peligro de suspensión.

Hasta agosto pasado, Paraguay exportó 183.463 toneladas de carne bovina y menudencias, el 31% de esa cifra va al mercado ruso.

Taiwán duplica el cupo de carne a Paraguay

1 de Octubre de 2015 El cupo para exportar carne a Taiwán que era de 1.776 toneladas, pasó a 3.552 toneladas, informó ayer el viceministro de Ganadería, doctor Marco Medina. Destacó que dicho logro es fruto del trabajo de varias instituciones, que buscan nuevos mercados para la carne, con objeto de diversificar los destinos y disminuir la dependencia de Rusia y Chile. Explicó que una de las metas actuales es abrir el mercado de Hong Kong en forma directa y China continental, para la exportación de carne.

Es importante recordar que nuestro principal mercado, Rusia, actualmente tiene bloqueada la exportación de carne a cinco plantas frigoríficas de nuestro país. Hasta agosto pasado, Paraguay exportó 183.463 toneladas de carne bovina y menudencias, el 31% de esa cifra va al mercado ruso.

Auditoría rusa concluye hoy

En ese contexto, una misión técnica del ente sanitario de dicho país llegó el pasado martes y verificará hasta hoy tres de los frigoríficos suspendidos, con miras a auditar las acciones correctivas implementadas por el Senacsa, para garantizar la inocuidad de los envíos.

Animales para Ecuador

Por otra parte, el viceministro Medina también informó que ya fueron seleccionados nuevamente más de 1.000 ejemplares bovinos de alta genética, y se encuentran en cuarentena, para ser exportados a Ecuador este mes.

Detalló que para la segunda remesa de 1.000 animales vacunos, que también serán exportados vía aérea, un 50% corresponde a las razas cebuinas Brahman y Nelore y en el otro 50% de variedades híbridas Brangus y Braford. Recordemos que la anterior remesa de 1.000 bovinos en pie, exportados a Ecuador en cuatro vuelos, en mayo últimos, representaron unos US\$ 3 millones de ingreso.

Buenas prácticas ganaderas

Medina señaló igualmente que ayer participó del taller de buenas prácticas ganaderas en la ARP y destacó los sistemas implementados que apuntan a una producción más amigable con el ambiente.

UNIÓN EUROPEA

BSE confirman un caso de Gales (REINO UNIDO)

01 October 2015 WALES, UK - A case of classical BSE has been found in a dead cow in Wales, the Welsh Government has confirmed. The Welsh Deputy Minister for Farming and Food, Rebecca Evans, said that the case posed no risk to human health, as no infected meat had entered the food chain.

According to OIE figures, this is the first case of BSE, or Bovine Spongiform Encephalopathy, identified in the UK this year.

Ms Evans said the last case to be recorded in Wales was in 2013. "The case was identified as a result of the strict control measures we have in place," she said.

Explaining the testing procedures in place, she said: "All animals over four years of age that die on a farm are routinely tested for the disease under our comprehensive surveillance system. "Whilst the disease is not directly transmitted from animal to animal, its cohorts, including offspring, have been traced and isolated, and will be destroyed in line with EU requirements." Ms Evans added: "Identification of this case demonstrates that the controls we have in place are working well.

Beef across the UK continues to be produced in compliance with the World Organisation for Animal Health rules." Welsh government officials are working with APHA and DEFRA to investigate the case.



ESTADOS UNIDOS

Caen los precios de la hacienda gorda

02 October 2015 US - Nearby fed cattle prices were down sharply once again on Wednesday on reports of much lower prices being paid in the cash market, write analysts Steve Meyer and Len Steiner.

The USDA Daily Direct Slaughter Cattle Report reported cash cattle traded on a live wt. avg. basis at \$117.76/cwt while the delivered dressed price was reported at \$188.64. Using the quoted 64 per cent dressing percentage this would be the equivalent of \$120.7 delivered.

Live fed cattle were trading in the low 130s just a couple of days before and reports of dramatically lower prices paid days before the contract became eligible for delivery certainly caused a lot of scrambling among traders.

Cash fed cattle prices are now down \$26.cwt in the last 30 days alone. You have to go back to December 2013 to find a bigger 30 day decline (that one was caused by the discovery of the first case of BSE in the US).

At this point there is a lot of consternation that front end supplies are quite burdensome and higher slaughter will be needed to clear up the backlog.

As we have mentioned before, it is one thing to ramp up slaughter going into Memorial Day and quite another to increase cattle slaughter in the weeks before Thanksgiving. In the very short term, it will be difficult to get retailers to feature more beef. Soon enough the meat case will be filled with turkeys and hams for Thanksgiving.

Beef roasts and especially middle meats should get some support for Christmas but that demand will likely start to develop in late October and early November. At the moment, retail support will be somewhat limited and this is what we are seeing play out in the beef markets.

Prices for 50CL beef have collapsed to levels even lower than what we saw during the 2012 LFTB debacle. Round and chuck cuts are also much lower. The effect of lower round cuts is that it has started to impact pricing for lean grinding beef. At some point round cuts become too cheap and you can get a higher value throwing them in the grinder.

The price of the benchmark 90CL lean grinding beef last night dropped to \$246.22. Last week it was trading around \$270. This is the biggest one week drop in price we could find in our database going back more than 30 years.

Will better demand come from foodservice?

The latest data from the National Restaurant Association seemed to confirm what prices in the market are telling us. August foodservice business appeared to slow down considerably.

We have been saying for a while that ground beef business seems to be poor and this now fits with the trend in restaurant sales.

The NRA Restaurant Performance Index was reported at 101.5 (values over 100 indicate expansion) down from 102. The previous month. The trend in the Restaurant Performance Index has been down this summer.

The customer traffic index was down even more sharply. August reading was at 100.3 compared to 103.6 the previous month. We did not see a 3.3 point drop in the customer traffic index even during the depths of the great recession of 2008-09.

Foodservice is a key driver for the beef business and it is important to pay attention to the foodservice trends this fall and winter.

Beef accounts for about 31 per cent of the volume of meat protein sold at foodservice and ground beef is about 64 per cent of that beef volume. Fixing ground beef demand is imperative if we are to see cattle prices rebound this winter.

Prevén mejora en la oferta ganadera por crecimiento de las existencias en feed lots

01 October 2015 The most recent Cattle On Feed report, released by the USDA, showed that on 1 September, 9.99 million cattle were in feedlots with a capacity of over 1,000 head. This was 2.7% higher than the same time last year, and is the highest September total since 2012.

The more telling number from the report, however, is the very large number of cattle (3.6 million head) that have been on feed for over 120 days. This figure is 18% higher than last year, and even higher again compared with the average of the previous five years. This suggests plenty of slaughter-ready cattle to come onto the market over the next few months – at a time when cattle and beef prices have already been dropping in the US, and beef demand is seasonally relatively weak.

With so many cattle on feed for a long period of time, average carcass weights are reaching record highs – steers up to around 920lbs (almost 420kg), which is far heavier than the average of 890lbs this time last year. These heavy animals coming out of feedlots are also contributing to the excess supply of fatty trimmings, which are trading at values lower than half the price of 12 months ago.



Crecen el volumen de carnes congeladas stockeadas

By Ron Plain and Scott Brown University of Missouri Extension September 25, 2015 | 7:53 pm EDT

The September USDA Cold Storage report said there is a lot of frozen meat in the country. At the end of August there were 470 million pounds of beef in cold storage. That was 35.7% more than a year ago and 2.4% more than a month earlier. The amount of pork and chicken in cold storage was also up. The total of frozen beef, pork, chicken and turkey at the end of August was 2.385 billion pounds, up 18.6% from a year ago and the most for any month since October 2002.

The September cattle on feed report said the number of cattle placed on feed during August weighing less than 600 pounds was down for the 12th consecutive month. The number of cattle placed on feed weighing 800 pounds or more has been up for 11 of the last 12 months. The one month that was not up was unchanged. Heavy placement weights set the stage for heavy slaughter weights.

Australia y Nueva Zelanda están llegando al límite de la cuota

30/09/15 Según el informe trimestral emitido por la financiera Rabobank, las previsiones para países como Nueva Zelanda y Australia alcanzan, para finales del tercer trimestre del año, la totalidad de la cuota de exportación a EEUU.

Según informó Euro Carne, los analistas de Rabobank afirman que el factor principal que está afectando al comercio internacional de carne vacuna es la fortaleza del dólar estadounidense. En Estados Unidos ello ha provocado una reducción en las exportaciones a la vez que ha beneficiado el precio de las exportaciones cárnicas de países como Brasil, esto entorno a una economía china debilitada por la devaluación del yuan que frena los precios de la carne de ese país.

Respecto a cómo se beneficiará Australia por el tratado de libre comercio con China, sigue siendo una incógnita. Mientras tanto, Rusia ha extendido por un año más la prohibición de importar carne de vacuna de países de la UE, Canadá, Noruega y Australia.

Recuperación de los precios se enfrenta a limitaciones de la demanda

01 October 2015 . US - Fed cattle slaughter last week was estimated at 463,000 head, 0.2 per cent higher than the same period last year, write analysts Steve Meyer and Len Steiner. Please note that this total does not include cows and bulls.

Overall cattle slaughter for the week was 574,000 head. The expectation is for cattle supplies to be at or above year ago levels in the next few weeks. We expect total slaughter this week to be around 578,000 head, with fed cattle slaughter in the 465,000 head range. Normally cow slaughter increases at this time of year, which will add to the front loaded feedlot inventories.

Cattle coming to market are much heavier than a year ago, which implies total beef production in Q4 up around 2-2.5 per cent compared to a year ago.

Steer weights for week ending September 12 were an average 919 pounds, a new all time record. Given the normal seasonal for weights to continue to climb in the fall, we would expect steer weights last week were around 925 pounds (reflected in the chart) and they should gain another 10 pounds or so in the next four weeks. The pace of fed slaughter will be a very critical factor for weights, however.

Packers may have an incentive to accelerate slaughter given strong margins but they also have to be careful to balance their daily supply with where they perceive demand to be. Last year we talked about short term inelastic demand as being responsible for pushing cattle/beef prices to all time record high. Because end users needed to purchase a given amount of product, a reduction of supplies under certain levels meant that prices would go up at a faster rate at the margin.

This works in reverse as well and that is where we are today. We have seen this play out in the market for 50CL beef, which is currently stuck in the 40 cent range as short term supplies have overwhelmed the market. Last year the value of 50CL beef was in the \$115 to \$120 range.

There is an expectation in the market that cattle prices will recover once we move past a short term glut of overfinished cattle. It is not an unreasonable expectation and it is already priced in the current spread between October and December fed cattle futures, with December holding a \$5 premium. But for this to happen feedlots need to quickly work through their backlog of cattle, which may prove to be a bit more difficult than expected. True, packers have increased slaughter but they will likely need to increase it even more, and this could be problematic.

Packers need to see notably better demand develop before they are willing to ramp up slaughter and pay up for cattle.

Some of that better demand will come from year end holidays. Also, it is likely that some end users have been sitting on the sidelines deferring purchases and waiting for a bottom. Eventually they will come into the market. But fixing the demand issue for beef will take a bit longer than some appreciate. Foodservice operators made decisions regarding promotions and menu items months ago. It will take them months to



once again focus on beef offerings. And beef prices still are at historically high multiples to other proteins. Export demand also remains weak and that is unlikely to improve in the short term, especially given lower beef prices across the world. So while cattle prices should find a bottom (we don't know yet what that is) in the next few weeks, a potential recovery may be capped by demand challenges, at least until spring. –

AUSTRALIA

Australia con tasa de extracción insostenible

Publicado el: 24 septiembre, 2015 Fuente: Agrotuario Oficina del USDA en Australia elevó su cálculo sobre la faena y la exportación en ese país lo que llevará a una nueva caída en los stocks, que seguirá en 2016. El clima y los precios altos dejaron sin efecto las proyecciones sobre una posible moderación en la caída de las existencias ganaderas australianas. La oferta cárnica australiana siguió siendo fuerte pero los números permiten prever que en los próximos años tendrá que caer luego de llegar a tasas de extracción insostenibles.

La oficina del USDA en Australia estimó que el stock ganadero terminará 2015 con una caída de 1,3 millones de cabezas frente a la previsión anterior de una baja de 130.000 cabezas. De esta manera las existencias ganaderas cerrarán el año en 26,3 millones de animales. Los técnicos del USDA realizaron su ajuste en base a una faena “sorprendentemente alta” y a una “fuerte demanda” por animales en pie. La tasa de extracción –faena más exportaciones en pie- será equivalente al 35% del rodeo, una de las mayores desde la década de 1970.

La faena en 2015 será de cerca de 9,5 millones de animales frente a una previsión inicial de 8,7 millones y algo por debajo de los 9,9 millones de cabezas del año anterior. Los técnicos habían previsto mejoras en las condiciones climáticas que evitaran una salida excesiva del ganado de los campos lo que finalmente no ocurrió. Para 2016 se prevé una faena de alrededor de 9,2 millones de cabezas con un stock ganadero al cierre del año de 25,27 millones de animales, el menor nivel desde 1992. La exportación en pie se mantendrá en 1,2 millones de cabezas. Los técnicos indicaron que estas proyecciones asumen condiciones climáticas promedio que aseguren lluvias para las pasturas y los cultivos forrajeros.

A un clima menos favorable para la retención se sumaron precios altos desde el exterior que “han mantenido las exportaciones en un nivel alto” particularmente a Estados Unidos. Las ventas externas de carne australiana superarán por primera vez la cuota libre de aranceles de 418.214 toneladas pudiendo llegar a 450.000 toneladas.

Tomando el indicador de ganado joven del Este –una referencia para el precio del ganado- la suba en el acumulado del año llegó el martes 22 al 57% llegando a un récord de AU\$ 5,91 por kilo. El reporte estimó que la fortaleza de los precios continuará fuerte entrando en 2016 debido a las restricciones de oferta y a los valores internacionales en alza. Sin embargo, los precios altos no serán suficientes para sostener la oferta dado que “la actual tasa de extracción es considerada, en general, insostenible”.

Indonesia importaría 200 mil cabezas de bovinos

By Fergus Jensen, Reuters September 28, 2015 | Indonesian chief economy minister Darmin Nasution said the country is expected to import 200,000 cattle for the fourth quarter from Australia.

The decision on imports had been made by the agriculture minister, Nasution told reporters.

"Now we are waiting for (details of) distribution from the trade ministry," Nasution said.

Hong Kong: menores envíos australianos en 2015. Incidió el acceso a China

01 October 2015 Australian red meat exports to Hong Kong have declined this year – in large part due to regulatory and market access changes in Asia. With improvements in access to other markets, the industry has been able to generate other business throughout the region.

Regional shifts in red meat flows

Hong Kong's total import volume of frozen mutton (the vast majority of sheepmeat imports) has fallen 63% this year (January to August). This has affected the top two sources, Australia and New Zealand. The average unit price per kilogram for frozen mutton has been quite stable.

Hong Kong's total import volume of goat meat also fell 49% year-to-date to August compared to 2014, although much of this can be attributed to lower goat meat production in Australia this year.

Hong Kong's total import volume of frozen beef (the vast bulk of beef imports) has fallen 23% year-to-date to August compared to 2014. The average unit price per kilogram for frozen beef imported into Hong Kong has remained fairly stable.

Brazil and the USA remain by far the two chief sources of beef into Hong Kong, with Canada and Australia a distant third and fourth respectively. The year-to-date volumes of imported frozen beef are down by at least 20% for all of these countries.

A significant regional change in red meat movements in the Greater China region, Brazil began exporting beef to China officially in June 2015 for the first time since imports were halted in January 2013,



beginning with 3,736 tonnes swt. Imports more than doubled in July with 11,404 tonnes swt, followed by 12,707 tonnes swt in August (SECEX, Foreign Trade Secretariat).

Chinese authorities' crackdowns on the "grey channel" for meat have significantly impacted meat movements in the region this year, in preparation for a new Food Safety Law to come into force this week on 1 October, 2015.

Mayor volumen exportado hacia el Sudeste de Asia (Indonesia, Malasia, Filipinas y Singapur)

01 October 2015 The total volume of Australian beef imports into South East Asia (Indonesia, Malaysia, Philippines, Singapore, and Thailand) this year has seen a decline in comparison with the same period in 2014. While the decline in Indonesia was largely due to its revised import protocols, trade to other countries has been influenced by increased competition from other beef exporting nations.

Philippines

Total beef imports into the Philippines for the first six months of this year have risen 15% year-on-year, to 52,893 tonnes swt. However, imports from Australia decreased 28%, to 11,479 tonnes swt, with the market share falling from 35% in 2014 to 22% so far this year.

Australia's decline in market share is attributed to an increase in imported beef from India, the US, and New Zealand. Ireland has also become a significant supplier to the Philippines, with over 6,000 tonnes swt of beef imported into the market for the year-to-date. In Ireland, a more than 2% increase in average cattle carcass weights, along with a 10% rise in throughput and better grazing conditions led to a 13% increase in net production and overall beef output in 2014-15.

Ireland's exports into the South East Asian market were assisted by competitive prices, and strong demand, with Australian exporters having a strong focus on North American markets in 2015. Along with the Philippines, increased import volumes from Ireland were also recorded in other markets such as Hong Kong. Relatively cheaper beef from India and the US has also contributed to the growth in trade from these suppliers.

Malaysia

Malaysian beef imports in 2015 (January to June) have increased 17%, to 86,843 tonnes swt. Unlike in the Philippines, imports of Australian beef have also risen, up 29% on last year and totalling 10,400 tonnes swt. India remains the largest supplier to the market, totalling 68,200 tonnes swt (up 13% on the same time last year), and accounting for 79% of total imports.

NUEVA ZELANDIA

Devaluación del dólar neocelandés favoreció incremento en las exportaciones en 2014/15

5:00 AM Tuesday Sep 29, 2015 Beef exports have hit \$3 billion - a record high, driven by international shortages, rising local production, and a falling New Zealand dollar, Statistics NZ said.

Beef exports continued to rise, up 46 per cent (\$61 million) in August 2015 compared with the same month last year. The beef export season runs from October 1 to September 30.

"With one month to go in the 2014/15 beef export season, beef exports are at a new high of \$3 billion," international statistics senior manager Jason Attewell said.

"So far this season, 404,000 tonnes of beef have been exported, and if we export at least 18,000 tonnes next month we'll surpass the peak 2003/04 season for quantity exported," he said.

The United States remained New Zealand's top beef export destination this season, for both value and quantity.

Beef export values to the US have hit a record high of \$1.6 billion (up 64 per cent) for the season to date, with quantities up 21 per cent compared with this time last year.

Beef export values to China continued to increase, up 88 per cent for the season to date, to \$394 million, with quantities up 52 per cent compared with this time last year.

Exportaciones neozelandesas hacia Estados Unidos cercanas a igualar su cuota

NEW YORK, Sept. 28, 2015 /PRNewswire/ -- New Zealand and Australia beef exports to the U.S. are set to reach their quota limits in Q4. Meanwhile, global economic conditions—such as the appreciation of the U.S. dollar and the depreciation of the yuan and the real—are having an impact on beef trade, according to the Rabobank Beef Quarterly Q3.

A strong U.S. dollar has led to a reduction in U.S. exports and support for U.S. imports, while a weakening Chinese economy and devaluation of the yuan are curbing beef prices in China, and the devaluation of the real is expected to support Brazilian exports in the coming months.

"With little change expected in major beef-trading economies in the coming quarter, other than a possibility of the U.S. FOMC raising interest rates, a strong U.S. currency is expected to continue to affect global beef trade," according to Angus Gidley-Baird, Senior Animal Protein Analyst at Rabobank.

Highlights from the Beef Quarterly Q3 2015



- New Zealand and Australia exports to the U.S. are reaching quota limits, which—combined with the availability of supply in the U.S.—will result in some short-term softening in the Australian and New Zealand markets.
- There has been little progress in trade developments in the quarter. Australia is still awaiting parliamentary processes to enact the China FTA, Brazil is still progressing towards a trade protocol with the U.S., and the Trans Pacific Partnership (TTP) remains in negotiation.
- Russia has extended its ban on agricultural products from the EU, the U.S., Canada, Norway and Australia by another year.

VARIOS

INDIA: caen exportaciones por menor demanda china

September 29, Buffalo meat has traditionally been India's top agri-export commodity generating over \$4 billion a per year

India's buffalo meat exports have come down by close to 30% in the last three months. The fall has been mainly on account of more than 50% fall in Chinese demand. India's export of buffalo meat to China is routed from India through Vietnam as China has yet not started importing from India directly despite understanding signed between the two countries three years ago. Buffalo meat has traditionally been India's top agri-export commodity generating over \$4 billion a per year.

According to Agriculture Processed Food Product Export Development Authority data In the first three months of the current financial year (April-June), buffalo meat exports were down by almost 10% in terms of quantity, and 11% in terms of value. Exports to Vietnam were down by nearly 20% in terms of both quantity and value. Exporters said, in the subsequent months, the fall in exports have been sharper. Fall in Brazilian Currency also impacted India's competitiveness as Brazil is also a major buffalo meat exporter and India lost out to it.

"The exports to China is slowly picking up. However, over the past few months the market was totally closed. As a result, buffalo meat exports have come down by at least 30% in the last three months. We believe, there have been some issues with the customs clearance at China, which has been reluctant to buy buffalo meat that has been indirectly exported to their country via Vietnam," said D B Sabharwal, secretary of All India Meat and Livestock Exporters' Association.

According to Mohammed Ather (Chairman & Managing Director), Azan Group, his company's monthly exports to China via Vietnam has come down from close to 160 containers (each container 29 metric tonne) about six months back, to less than 50 containers per month at present. China accounts of nearly 80% of total exports of the Azan Group.

In the financial year 2014-15, Vietnam accounted for nearly 42% of the total buffalo meat exports from India to China. In terms of valuation, Vietnam accounts for about 45% of the total realization from buffalo exports from India. Last year, India exported about 14.75 quintal of buffalo meat worth \$4781 million. Of this the share of Vietnam was about 6.3 quintal worth \$ 2153 million.

In 2014-15, buffalo meat was India's largest agri-export commodity, surpassing Basmati rice, which had been traditionally occupied the first position.

"While ahead of the Spring Festival, China has recently opened its market for buffalo meat, the supply has been lower by at least 30%. This is significantly hurting exports," said Ather.

China is yet to open its door for direct import of buffalo meat from India. In 2013, India and China signed a pact for direct export of buffalo meat but it is yet to be implemented.

In tandem with the huge fall in demand from China, the average prices of buffalo meat has also come down by more than 25% in the last six months. At present, the average price of buffalo meat in the international market is between \$3000-4000 per metric tonne.

Amidst an economic slowdown, China had been curtailing imports from Vietnam. China is the biggest trading partner of Vietnam. Soon after Chinese devaluation of yuan by nearly 2% on August 11, Vietnam had devalued its currency, dong, by close to 1%, third time in a year. This apart, strained relationship over South China Sea had also been a cause of tension between between the two countries.

COREA DEL SUR Importaciones aumentan por restricciones de la oferta local

By Rebecca Jang and Meeyoung Cho, Reuters September 28, 2015 Soaring South Korean beef prices should be welcome news for its hard-pressed cattle farmers, but a failure to rebuild herds and customers balking at paying record levels for prized local "Hanwoo" meat mean imports are set to keep pouring in.

Overseas purchases by the world's sixth-biggest buyer are at four-year highs and a further rise is expected in 2016 - mainly benefiting Australia - as South Koreans' loyalty towards local beef is tested by prices climbing 35 percent in eight months.



Native bred Hanwoo cattle are often pampered by their farmers and South Koreans consider the meat top class, at least akin to Japan's globally recognised Wagyu beef. While locals have been prepared to pay more for Hanwoo, their willingness to shell out extra may have reached a tipping point now.

"Hanwoo is the food we cannot skip on special days like holidays and rituals for ancestors, but on a regular basis my husband and I eat imported beef as Hanwoo is so expensive," said Park Hee-jung, a 62-year-old housewife, who was shopping at a department store in Seoul.

Local beef ribs currently fetch 4,912 Korean won (\$4.13) per 100 grams, almost triple the price of Australian ribs, data from Korea Agro-Fisheries & Food Trade Corp shows. And according to a survey by Korea Rural Economic Institute, this is much higher than the 1.67 times more South Koreans are prepared to pay over the price of Australian ribs.

"It's a tough time to sell," said cattle farmer Min Jae-ki, who also runs a butcher's restaurant in Hongseong, 150 kilometres (93 miles) southwest of Seoul.

"We are charging the same as before although beef prices have gone up. Otherwise customers won't come."

Min said the cost of supplying beef to his restaurant, where customers can barbecue meat after selecting it, had increased by 1 million won per cattle from a year ago. Margins have been squeezed further after beef prices rose to a record of 6.9 million won per 600 kg in August.

Pedigree is important

The price of Hanwoo beef is likely to rise further as cattle numbers dropped 14 percent over two years to 2.66 million this March with many small farmers forced out of business after a prolonged slump in prices since 2010.

Herds have also been decimated by outbreaks of foot-and-mouth disease and it will be difficult to rebuild them quickly with calves fetching a record price of 3.5 million won now.

"If you are buying calves you first have to punch a calculator to see how much you can earn," said Yoo Kwan-jo, a 57-year-old farmer raising 650 cattle in Hongseong.

Almost all of the beef cattle population in South Korea is Hanwoo and breeding it requires attention to pedigree. The Korea Animal Improvement Association is the only organization approved by the state to register and evaluate pure-bred Hanwoo cattle.

Farmer Yoo said he includes corn and rye grown on the farm in the feed he gives to his cattle and even pipes music into the sheds in a bid to help stimulate healthy growth.

"As parents provide good food to help their kids grow pretty and well, we treat the cow in the same way," said Yoo, who used to individually massage cows when he had a smaller herd, but now uses a comb machine to brush and pat their backs.

Higher imports from Australia seen

With fewer Hanwoo cattle and higher prices, South Korean beef imports have risen. Purchases from Australia rose 11 percent in the first eight months of 2015 to over 113,000 tonnes, data shows. Total imports were at 200,000 tonnes, up 4 percent on year or the highest since January-August in 2011.

"High prices for domestic beef will boost imports further next year," said Lee Hyung-woo, a research associate at the Korea Rural Economic Institute.

Australian beef will likely be the winner with lower tariffs under a free trade agreement also helping.

In Australia, the world's No.3 beef exporter, farmers are slaughtering at a near-record pace as a drought worsened by an El Nino weather pattern scorches pastures.

"Korea has been a very strong and stable market for us over the last three or four years ...Australia is on track to send about 150,000 tonnes beef to South Korea this year," said Ben Thomas, manager of market information at industry body Meat and Livestock Australia in Sydney.

(\$1 = 1,190.6800 won)

EMPRESARIAS

McDonald's to ofrecerá una hamburguesa "orgánica" en Alemania

By Lisa Baertlein, Reuters September 28, 2015 McDonald's Corp will offer its first-ever 100 percent organic beef hamburger for a limited time in Germany, as a growing number of global diners demand food that is more natural and less processed.

From Oct. 1 to Nov. 18 McDonald's will offer "McB" burgers, made with organic beef sourced from organic farms in Germany and Austria.

The move from the world's biggest restaurant chain by revenue comes as it is revamping food-sourcing practices as part of new Chief Executive Steve Easterbrook's effort to transform McDonald's into a "modern, progressive burger company."

Germans, known for their love of sausages, are eating less meat and more vegetarian food as concerns grow about health, animal welfare and the environmental cost of livestock farming.



In Germany, beef certified as "organic" must come from cattle that eat organically grown feed and graze on pasture where synthetic chemical fertilizers and pesticides are not used.

"We have made a great effort to secure sufficient quantities of meat which satisfies the organic requirements and our own quality claims," said Holger Beeck, chief executive of McDonald's Germany.

McDonald's has tweaked menus and worked to improve service in Germany, one of its top European markets. The company's quarterly sales at established restaurants in Germany recently grew for the first time since the middle of 2012.

A McDonald's U.S. spokeswoman declined to say whether the company would roll out the burger to other markets.

Sales at McDonald's have slumped, in part due to competition from newer chains including Chipotle Mexican Grill Inc, which for years has offered meat from animals raised without hormones and antibiotics.

McDonald's USA said in March that within two years, it would stop buying meat from chickens raised with antibiotics vital to human health.

That move was cheered by public health and consumer advocates, who are concerned that overuse of antibiotics in meat production is contributing to rising numbers of life-threatening human infections from antibiotic-resistant bacteria dubbed "superbugs."

Still, a shareholder group thinks the company has not gone far enough. It is renewing its call for McDonald's to stop buying any meat from animals raised with antibiotics vital to fighting human infections.

Earlier this month, McDonald's said its 16,000 U.S. and Canadian restaurants would switch cage-free eggs by 2025.

JBS anunciou la adquisición de planta de Marfrig (Moy Park). Expansión hacia el mercado europeo

29/09/15 - por Equipe BeefPoint A JBS S.A. comunicou aos seus acionistas e ao mercado em geral que a aquisição de 100% da participação na Moy Park Holdings Europe Ltd. A companhia obteve as aprovações regulatórias necessárias, incluindo da Comissão Europeia, para concluir a transação sem restrições.

O valor do fechamento da transação foi composto pelo pagamento à vista de US\$1.212,6 milhões à Marfrig; e pela dívida líquida da Moy Park assumida pela JBS no montante de US\$293 milhões, que contemplam as Notas no montante de GBP300 milhões com vencimento em 2021. O valor efetivamente pago é ligeiramente superior ao valor de US\$1.190 milhões previamente anunciado em função das variações no capital giro e na dívida líquida da Moy Park entre a data da assinatura e o fechamento da Transação, conforme avençado originalmente entre as partes.

Com uma receita de R\$5,5 bilhões em 2014, sendo 51% advindo de produtos processados, a Moy Park atende as principais redes varejistas e de food service no Reino Unido e Europa Continental.

JBS concluye la compra de planta de Marfrig

El frigorífico brasileño JBS S.A y Marfrig Alimentos S.A confirmaron esta semana que concluyó el 100% la negociación compra-venta.

Según informó Pecuária, JBS obtuvo las aprobaciones regulatorias necesarias, incluida la Comisión Europea, para completar la negociación anunciada en junio. La transacción incluyó el pago en efectivo de US\$ 1.212 millones a Marfrig y el pago de la deuda neta de Moy Park, equivalente a US\$ 293 millones, indica el comunicado emitido por el grupo.

El valor pago es sensiblemente superior al anunciado previamente (US\$ 1.190 millones) en función de la evolución del capital y la deuda.

Según informa el comunicado, el objetivo de la compra es ampliar su oferta de productos preparados de JBS y expandirse en el mercado europeo "con una producción integrada que proponga innovación y marcas fuertes", afirmó el presidente de JBS, Wesley Batista.

JBS es el mayor productor de carne vacuna del mundo pero en 2013 se convirtió también en un gigante de la carne de pollo al adquirir a Tyson en México y Brasil, Seara (filial agrícola de Marfrig en Brasil) y Frangosul (filial brasileña del francés Doux).

JBS – medidas ante la desvalorización del Real

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 30/09/15 - Com uma das maiores posições de hedge cambial entre as empresas não financeiras, a JBS deverá gerar mais caixa com os contratos usados para se proteger contra a desvalorização do real do que com suas operações de carnes bovina, suína e de aves somadas. Após uma queda de 35% do real frente ao dólar, o lucro da JBS com os chamados derivativos cambiais deverá atingir a marca recorde de R\$ 15 bilhões em 2015.

Para alguns observadores, trata-se de um movimento exagerado, considerando que a empresa obtém mais de 80% de suas receitas em moeda forte – espécie de hedge natural, que anularia o impacto do câmbio sobre a dívida externa. Para alguns analistas, o tamanho do programa de hedge da JBS sugere a existência de um componente especulativo na estratégia. "A JBS possui muitos ativos em dólar e grandes



operações nos EUA, na Europa e na Austrália. Não precisaria fazer hedge de tudo em dólares. Poderia fazer hedge apenas da dívida que está no Brasil”, disse Vincenzo Paternostro, analista do Credit Suisse, de São Paulo.

A JBS está gastando cerca de R\$ 4 bilhões em juros para carregar seus derivativos – duas vezes tudo o que lucrou em 2014, estimam analistas do Credit Suisse e do Bradesco BBI. Sua posição inclui US\$ 5,5 bilhões em contratos futuros negociados na BM&FBovespa (quase o dobro da posição que mantinha no fim de 2014) e cerca de US\$ 6,3 bilhões em contratos a termo, operados em mercado de balcão.